

# ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA EXPRESSÃO “QUE SÓ” NA FALA DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE MAUÉS-AM

Maria Ocilane dos Santos Rodrigues\*

Franklin Roosevelt Martins de Castro

## RESUMO

O presente artigo, tem por objetivo realizar uma análise sociolinguística a respeito o uso da expressão “que só” dentro do âmbito escolar por discentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Maués, cidade do interior do estado do Amazonas. Foram analisados todos os aspectos sociolinguísticos, como características gramaticais e as variações lexicais interlinguísticas entre a linguagem formal e a linguagem coloquial, na qual se encaixa a expressão do objeto de estudo. Por fim foi analisado se o uso da expressão está relacionado exclusivamente ao local ou pode ser encontrada em diferentes lugares, além de ser aplicada em diversos contextos. Dentre os teóricos que embasaram o trabalho, os de maiores relevâncias foram Antunes (2009), que em Gramática contextualizada - limpando o pó das ideias simples, fala sobre a interação e a influência que as pessoas exercem uma sobre as outras na troca comunicativa; Weinreich, Labov, Herzog, (2006), que relatam experiências presenciadas sobre as variações, em diferentes comunidades linguísticas na obra fundamentos empíricos para uma teoria da MUDANÇA LINGÜÍSTICA; Bechara (2009), que em Moderna Gramática Portuguesa, conceitua alguns diferentes tipos de gramática e o significado de advérbio e locução adverbial; Azeredo (2010) em Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino, fala sobre a capacidade da língua em se reinventar, se transformar de acordo com o contexto; por fim, Ilari e Basso (2014), na obra o Português da gente – a língua que estudamos e a língua que falamos, mostrando um pouco da origem e expansão do português no Brasil.

**Palavras-chave:** Análise sociolinguística. Expressão coloquial. Que só.

## ABSTRACT

The present paper has the objective of performing a sociolinguistic analysis regarding the use of the expression "inside" of the student from the 6th to 9th grade of a school in the municipality of Maui's, a city in the interior of the state of Amazonas. All sociolinguistic aspects were included, such as grammatical and lexical interlinguistic variables between a formal language and a colloquial language, in which one can frame the expression of the object of study. For example, it was analyzed whether the use of the expression is locally related or can be found in different places, as well as being a different context. Among the theorists who supported the work, the most relevant were Antunes (2009), who in contextualized grammar - cleaning the

---

\* Graduanda em Letras – Núcleo de Ensino Superior de Maués - NESMAU. Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: ocilane.rodrigues@hotmail.com.

dust of simple ideas, talks about the interaction and influence that people exert on each other in communicative exchange; Weinreich, Labov, Herzog, (2006), who report witnessed experiences on variations in different linguistic communities in the work of empirical foundations for a theory of LANGUAGE CHANGE; Bechara (2009), who in Modern Portuguese Grammar, conceptualizes some different types of grammar and the meaning of adverb and adverbial phrase; Azeredo (2010) in Portuguese language under discussion: knowledge and teaching, talks about the language's ability to reinvent itself, to transform itself according to the context; Finally, Ilari and Basso (2014), in our work the Portuguese of us - the language we study and the language we speak, showing a little of the origin and expansion of Portuguese in Brazil.

**Key words:** Sociolinguistic analysis. Colloquial expression. That only.

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem coloquial é utilizada em situações que não exigem a atenção total a gramática, é uma comunicação que acontece de modo espontâneo entre amigos e familiares. Porém, dentro da norma culta essas expressões são pronunciadas e escritas de outra forma contendo o mesmo significado.

Com base nessa teoria surgiu a inquietação de se pesquisar a utilização da linguagem coloquial no âmbito escolar, em específico a expressão “que só”, a influência no desenvolvimento cognitivo e intelectual dos discentes e como a expressão “que só” apresenta-se no contexto da cidade, verificando se a variante é exclusiva do lugar ou pode ser encontrada em diferentes lugares. Diante desses questionamentos o trabalho desenvolvido tem por objetivo analisar o uso da expressão “que só” na fala de estudantes do ensino fundamental II em uma escola do município de Maués-Am. Assim se buscou a compreensão dos conceitos de comunicação, língua e linguagem, variações Linguísticas, gramática e o léxico, advérbio e locução adverbial, para identificar e relacionar o uso da referida expressão como algo corriqueiro e espontâneo.

A importância da pesquisa é pela necessidade de se produzir material didático informativo a fim de colaborar com pesquisas e estudos futuros, além de encorpar e expandir

os conhecimentos a respeito da expressão coloquial “que só”, pois existem muitas pesquisas referentes as variedades presentes dentro da língua portuguesa, mas nada específico em relação a essa problemática

## **2 REFERÊNCIAL TEÓRICO**

### **2.1 COMUNICAÇÃO, LÍNGUA E LINGUAGEM.**

A comunicação é uma troca de informações entre indivíduos dentro de um meio social em que todo ato de comunicação está ligado a uma regra específica, a qual será aplicada de acordo com o contexto apresentado. Segundo Antunes (2014), a interação além de ser uma ação conjunta, é uma ação recíproca, no sentido de que os participantes exercem entre si mútuas influências, atuam uns sobre os outros na troca comunicativa que empreendem.

A língua é um sistema concreto de interação entre os indivíduos, e nenhuma língua é apenas um “instrumento de comunicação”, no sentido de que se destina a passagem linear de informações, e se esgota no simples ato de dizer (ANTUNES, 2014, p.20). Toda língua tem a sua função social e está a serviço de seus usuários, ela tem a possibilidade de se reinventar, de se transformar segundo os critérios da comunicação a qual está inserida. A língua tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. (SAUSSURE, 2008). Portanto, nenhuma língua existe simplesmente por existir, mas é uma troca de saberes que vai criando e consolidando as “normas”, ou seja, aquilo que é usado regularmente, fazendo a diferença entre grupos.

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera casualidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens. (PRETI, 1982, p.1)

A linguagem é um dos fatores que motiva a vida em coletividade, que por sua vez está relacionada à forma como o indivíduo passa por várias influências, retratando o comportamento e a cultura pertinente à comunidade a qual ele pertence. Sendo assim, o seu uso representa também um meio de identificação, até na mesma comunidade, pois dentro de um mesmo ambiente acontecem diferenças no linguajar.

Admitir que a linguagem seja uma atividade interativa implica admitir também que sua realização será mais ou menos facilitada (e exitosa) se, entre quem fala e quem ouve, ou entre quem escreve e quem lê, houver esquemas mais ou menos aproximados de conhecimento, valores culturais, interesses e intenções convergentes. (ANTUNES, 20014 p.22).

É preciso conhecer o significado das palavras para não passar constrangimento, porque todas as vezes que se fala ou escreve algo é sempre para outra pessoa, por isso tem que saber quais as normas usadas dentro da linguagem formal e da linguagem coloquial.

Assim, a linguagem formal é menos pessoal do que a coloquial, ela pode ser usada quando se escreve para fins profissionais ou acadêmicos; não usa coloquialismos, abreviações ou gírias; é a mais utilizada em casos de palestras ou apresentações, por isso é preciso se ter consciência das normas a serem usadas de modo adequado. E a linguagem coloquial é mais casual e espontâneo, fugindo um pouco das normas gramaticais tradicionais, é usada principalmente quando se fala de forma mais impulsiva e casual, como em conversas em família e entre amigos.

Portanto, a comunicação é a troca de informações entre indivíduos dentro de um meio social; a língua é um sistema concreto que possibilita essa troca de informações e a linguagem é o que motiva a interação comunicativa dentro do meio social.

## 2.2 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Varição Linguística é a capacidade que a língua possui em se transformar, em se reinventar e se adaptar de acordo com alguns fatores. Para Braga e Mollica (2003) as variações podem ser diatópicas, que são as que ocorrem regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos, e diastráticos, que surgem de acordo com os diferentes níveis sociais, levando-se em conta os limites sociais.

As variações geográficas estão relacionadas à região em que uma determinada pessoa mora, pois o Brasil é um país de grande diversidade, e cada região possui as suas peculiaridades linguísticas, também chamadas de dialeto, isto é, algumas palavras ganham um novo “nome” em outras regiões. Por exemplo: a abóbora é assim conhecida no sudeste, no norte e nordeste brasileiro é chamada de jerimum. A mandioca também pode ser encontrada como aipim ou macaxeira, dependendo da região do país. Isso mostra os diferentes modos de se falar da mesma coisa, ou seja, as diferentes variações linguísticas regionais.

Temos, pois variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social. (CALVET, 2002, p.103)

Variações sociais e culturais estão pautadas a diferentes elementos ligados inteiramente ao falante ou ao grupo social a que pertence. Mas essas variações não são apenas linguísticas, elas têm ao mesmo tempo uma pertinência social e participa de certa “cultura”, porque é através da interação entre membros de um determinado lugar que aparecem maneiras específicas de expressão, e que acaba por se tornarem a marca dos mesmos (CALVET, 2002). Assim, por ser heterogênea, a língua pode sofrer alterações devido à faixa etária, o sexo, a classe social do falante, entre outros fatores que impliquem para ocorrência das variações linguísticas.

Os fatores que implicam diretamente com o modo de se expressar do indivíduo são:

O grau de instrução ou escolaridade de uma pessoa, pois é na escola que se aprende a norma culta/padrão da língua, quanto menor o grau de escolaridade, menos se espera da pessoa em termos de linguagem. Falantes com baixa escolarização que mostram pouca consciência da própria fala e nenhuma correção nos estilos formais, ainda assim exibirão uma diferenciação estilística entre modos arcaicos e inovadores, ou seja, o falante consegue acompanhar a evolução das palavras, mesmo não indo à escola (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006). As pessoas conseguem expandir seus vocabulários através da convivência com pessoas com grau de instrução mais elevado ou apenas observando e acompanhando as mudanças que ocorrem na língua no decorrer do tempo.

A idade, que indica que há diferença na fala de um adulto com a fala de uma criança, como também na fala dos jovens. Se a variável linguística fosse uma simples distribuição pelas faixas etárias, então o processo de transição de um grupo de falantes para o outro um pouco mais jovem seria um fato misterioso, mais fácil de notar do que de explicar (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006). A faixa etária não é um fator determinante para que ocorram as variações na fala, ela apenas apresenta-se de modo diferenciado de acordo com idade.

Outra situação em que ocorre a variação linguística é a posição social, pois o status do falante também exige dele um cuidado todo especial com a linguagem, frequentemente com a finalidade de ser distinguido dentro do grupo que atua, mostra o linguajar próprio conforme a posição social ocupada pelo indivíduo (PRETI, 1982). Cada pessoa é capaz de modificar o seu jeito de falar de acordo com o ambiente ou a posição que as mesmas ocupam no momento do discurso.

O gênero/sexo, o vocabulário do homem e da mulher é distinto. Alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Elas em geral preferem

usar as variantes mais valorizadas socialmente, algumas expressões são próprias de cada gênero (GÖRSKI, COELHO e MAY, 2010). Por isso, tanto o homem quanto a mulher mostram através de seus vocabulários como estão familiarizados com as normas formais e as normas coloquiais da língua.

E até mesmo nas profissões ocorrem variações, isso porque cada área de atuação tem os seus próprios termos para se referir às atividades e tarefas, é um palavreado técnico associado às carreiras profissionais, como a de médico, engenheiro, cientistas, entre outros. É uma linguagem que somente quem é da área conhece, são os chamados jargões, que pode ser um exemplo de variação diastrático. ...

Qualquer que seja o eixo, diatópico/geográfico, diastrático/social, ou de outra ordem, a variação é contínua e, em nenhuma hipótese, é possível demarcaram-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre. É preferível falar em tendências e empregos de formas alternantes motivadas simultaneamente por condicionamentos diversos. (BRAGA E MOLLICA, 2003, p.13).

E como a língua é um mecanismo vivo, ou seja, ele se diversifica e muda de acordo com o passar dos anos, há também as variações históricas, que estão relacionadas com as palavras que sofreram alterações no decorrer do tempo, ganhando uma nova ortografia considerada como correta nos dias atuais. Assim, a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração (TARALLO, 2007). Alguns palavreados que eram comuns algumas décadas atrás, hoje, se ditos em público, são considerados antiquados, como por exemplo, antes se usava “vossa mercê”, depois esse tratamento foi modificado para “vosmicê” e atualmente usamos “você”, e assim a língua vai se transformando de acordo com a necessidade de seus usuários.

Então, diante das múltiplas variantes linguísticas existentes, não tem como se considerar “erro” as diversas expressões que surgem nos diferentes grupos de fala, pois tudo está relacionado ao local e ao meio sócio cultural a que o sujeito pertence.

### 2.3 GRAMÁTICAS E O LÉXICO

A gramática por sua vez é um dos componentes que compõe uma língua, estudando seus elementos e suas combinações. Segundo Possenti (1996) a palavra gramática significa “conjunto de regras.” e faz referência, por outro lado, à arte de falar e escrever uma língua de forma correta. Logo, a gramática é o conjunto de regras e princípios que regem o uso de uma linguagem determinada e, cada linguagem tem a sua própria gramática. Enquanto ciência faz parte da linguística, e está dividida em:

Fonologia é a parte que estuda o sistema sonoro de um idioma, no qual a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotados de significado (BECHARA, 2009). É a área que se preocupa com a maneira pela qual os sons da fala (os fones) se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significado destacando o estudo das vogais, semivogais, consoantes, dígrafos, encontros vocálicos e consonantais, estrutura silábica, acento, entonação, dentre outros.

Morfologia estuda a estrutura, a formação e a classificação das palavras através de elementos morfológicos (ou mórficos), que são as unidades que formam uma palavra. Os elementos morfológicos compreendem o radical, o tema, a vogal temática, a vogal ou consoante de ligação, afixo, desinência nominal ou verbal. Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra, isto é, estuda as palavras isoladamente e não dentro de uma frase ou período e está agrupada em dez classes de palavras: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição (BECHARA, 2009). E essas classes de palavras serão constantes tanto na vida da acadêmica, quanto fora de um instituto de ensino, pois são consideradas essenciais.

Sintaxe: é o estudo dos princípios e dos processos por meio dos quais as sentenças são construídas em línguas particulares (CHOMSKY e LIGHTFOOT, 2015). Tem por finalidade estudar as relações que se estabelecem entre os termos das orações e dos períodos. Compreende o estudo do sujeito e predicado (termos essenciais da oração); os complementos verbais, complemento nominal e agente da passiva (termos integrantes da oração) e o adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo (termos acessórios da oração).

O estudo sintático de uma determinada língua tem como objetivo a construção de uma gramática que pode ser encarada como algum tipo de mecanismo de produção das sentenças da língua sob análise. De maneira mais geral, os linguistas devem se dedicar à tarefa de determinar quais as propriedades básicas fundamentais de gramáticas adequadas. (CHOMSKY e LIGHTFOOT, 2015, p.15).

Entre os distintos tipos de gramática ou aspectos no estudo da mesma, pode-se mencionar: a gramática prescritiva ou normativa, que segundo Bechara (2009), a gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos, ou seja, apresenta de forma autoritária, as normas de uso para uma linguagem específica, desvalorizando as construções não padronizadas.

Com efeito, como se pode ler com bastante frequência nas apresentações feitas por seus autores, esses compêndios se destinam a fazer com que seus leitores aprendam a “falar e escrever corretamente”. Para tanto, apresentam um conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral). (POSSENTI, 1996, p.64).

A gramática descritiva, “conjunto de regras que são seguidas” (BECHARA, 2009 p.37). Seguindo Bechara (2009), a gramática descritiva é uma disciplina científica que registra, e descreve (daí o ser descritivo, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonética-fonológico, morfossintático e léxico. Apresenta os fatos da língua com o objetivo de investiga-los e não de estabelecer o que é certo ou errado. Enfatiza o uso oral da língua e suas variações, valoriza as expressões que surgem nos diversos meios de uma sociedade e não se prende apenas as regras existentes.

Pode haver diferenças entre as regras que devem ser seguidas e as que são seguidas, em parte como consequências do fato de que as línguas mudam e as gramáticas normativas podem continuar propondo regras que os falantes não seguem mais – ou regras que muito poucos falantes ainda seguem, embora apenas raramente. (POSSENTI, 1996, p.65).

A gramática tradicional, é aquela com as ideias herdadas da Grécia e de Roma, foi um modelo criado para quem quisesse escrever obras literárias. Assim nasceu à gramática, palavra grega que significa exatamente “a arte de escrever” (BAGNO, 2004, p.15). Portanto para quem deseja escrever ou mesmo entender os clássicos literários, precisa dominar os requisitos da Gramática Tradicional.

Infelizmente, porém, a Gramática Tradicional ainda é muito forte e influente. Afinal, diante de uma respeitável senhora de 2.300 anos, que teve tempo mais que de sobra para se impor e conquistar muitos títulos de nobreza, a Linguística, que ainda não completou um século de vida, pode parecer uma ciência bebê. O vigor dos preceitos e preconceitos tradicionais a respeito da língua pode ser verificado, por exemplo, no fato de a todo momento os meios de comunicação divulgarem os avanços feitos por todas as demais ciências e nunca mencionarem os progressos das ciências da linguagem. Muito pelo contrário: os meios de comunicação nos dias de hoje, só dão espaço aos porta-vozes do que há de mais arcaico, obsoleto e retrógrado em termos de concepção de língua. (BAGNO, 2004, p.25).

Sendo assim, é natural a existência de um distanciamento entre o que é prescrito pelas normas e o que é efetivamente utilizado por seus falantes, entretanto, não se deve desconsiderar a importância das regras que regem a língua portuguesa, pois elas são indispensáveis para se obter sucesso na vida acadêmica e profissional.

O vocabulário que cada falante domina passivamente (isto é, que ele sabe interpretar, se for o caso) é apenas uma parte do léxico da língua, e o vocabulário que cada um utiliza, ativamente em seus próprios enunciados é ainda mais reduzido do que o vocabulário passivo. O estudo de natureza estatística vem mostrando já há algum tempo que há grande variação na frequência de uso dos vários itens de vocabulário (ILARI E BASSO, 2014, p.134).



O léxico é um vocabulário que pode reunir termos de um idioma, com suas respectivas versões em outra língua, mas também pode reunir dentro da mesma língua uma diversidade de palavras com o mesmo significado. E individualmente cada falante possui um vocabulário bastante variado, no entanto, o utiliza de modo reduzido ou impróprio.

O léxico de uma língua constitui-se do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela através da qual o indivíduo divisa o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes e os modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário de tal ou qual palavra. (AZEREDO 2010, p.142).

As palavras que fazem parte do léxico estão sujeitas a constantes alterações, em função do desenvolvimento da língua falada e escrita. Um neologismo, ou seja, a criação de palavras novas, ou de palavras antigas com definições novas, é com frequência, adicionada ao seu conteúdo.

O léxico de todas as línguas vivas é essencialmente marcado pela mobilidade, as palavras e as expressões com elas construídas surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações, de sorte a promover **encontro** marcado do falante com a realidade do mundo biossocial que o acolhe. (AZEREDO 2010, p.142).

Em suma, faz parte do léxico da língua à criação de novas palavras, sejam elas criadas por neologismo popular, estrangeirismos, termos que surgem nas comunicações eletrônicas, novos termos técnicos ou científicos.

## 2.4 ADVÉRBIO E LOCUÇÃO ADVERBIAL

Advérbio é toda palavra invariável que acompanha o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, modificando o sentido dos mesmos. Para Ilari e Basso (2014) a etimologia da palavra advérbio, por ser paralela à da palavra adjetivo, também sugere que o advérbio se aplica ao verbo como o adjetivo se aplica ao substantivo, pois pode se dizer que a corrida foi veloz ou o atleta corre velozmente.

Mas, segundo Cunha e Cintra (2008) o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo, pois sempre expressam uma situação ou ideia auxiliar em relação à palavra a que se referem, são eles:

- Lugar – aqui, ali, aí, cá, lá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro fora, além, diante etc.
- Tempo – agora, já, ainda, amanhã, cedo, tarde, sempre, nunca etc.
- Modo – assim, bem, mal, depressa, devagar, e parte dos vocábulos terminados em mente: alegremente etc.

- Intensidade – muito, pouco, bastante, depois, menos, tão etc.
- Dúvida – talvez, possivelmente, provavelmente etc.
- Afirmação – sim, certamente, realmente, efetivamente etc.
- Negação – não, nunca, jamais etc.

O advérbio para Bechara (2009) é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. Assim, o advérbio é capaz de demonstrar o sentido real de uma palavra dando-lhe um sentido completo dentro da oração.

A locução adverbial é o grupo geralmente constituído de preposição mais substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio (BECHARA, 2009). A locução adverbial é um dos termos que podem constituir a oração, por isso, é fundamental que se entenda a sua utilização e como ela é formada. São expressões muito utilizadas não só na modalidade escrita, mas também na modalidade oral.

Chamamos de locução adverbial um conjunto de duas ou mais palavras que, quando agrupadas, desempenham função de advérbio, podendo alterar o sentido de um verbo, de um adjetivo ou de um advérbio (CUNHA E CINTRA, 2008). A maioria das locuções adverbiais é formada por uma preposição e um substantivo.

- **Locução adverbial de tempo:** em breve, logo mais, à tarde, à noite pela manhã, por vezes, de tempos em tempos etc.
- **Locução adverbial de lugar:** em cima, por perto, ao lado, à direita, à esquerda, para dentro, para fora etc.
- **Locução adverbial de afirmação:** por certo, sem dúvida, com certeza, a verdade, de fato etc.
- **Locução adverbial de negação:** de forma alguma, de modo algum, de maneira nenhuma etc.
- **Locução adverbial de modo:** às pressas, ao contrário, em silêncio, de cor, às claras, à toa, em geral etc.
- **Locução adverbial de quantidade:** de muito, de pouco, de todo, em excesso etc.

Portanto, advérbio traz à ideia de circunstância a ação do verbo. E locução adverbial é quando temos duas ou mais palavras com o sentido de uma.

### 3 METODOLOGIA

A partir da natureza de pesquisa qualitativa buscou-se informações de como são utilizadas as expressões coloquiais, em específico o “que só” dentro do âmbito escolar. Foi preciso ir a campo com a finalidade de se verificar a ocorrência dos fatos. O ambiente escolhido foi uma escola municipal de Maués-AM, localizada no bairro Ramalho Junior, contém 12 salas de aula; 52 funcionários; sala de diretoria, sala dos professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE); cozinha; biblioteca; banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; sala de secretaria; pátio coberto; pátio descoberto, uma escola ampla, com ótimos profissionais, e proporcionou as condições necessárias para realização da pesquisa.

Partindo do pressuposto dessa diferença, o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.221). Utilizando-se o método de abordagem Hipotético-dedutivo, as concepções adquiridas antecipadamente podem ser constatadas ou não, porque tudo que sabe a respeito do assunto são baseados em hipóteses, deduções.

O método de procedimento usado foi o estudo de caso, pois segundo Marconi e Lakatos (2003, p.221) constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Através do método de procedimento estudo de caso verificou-se o uso ou não da determinada variante.

Consideradas como um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, são, também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.222). Os conceitos analisados que serviram para nortear o referido trabalho foram: comunicação, língua e linguagem; as variações linguísticas; a gramática e o léxico; advérbio e locução adverbial.

Assim, a observação direta intensiva, foi feita com o intuito de verificar os determinados aspectos da realidade. Incidiu em ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos que ocorrem dentro do ambiente da pesquisa.

Sistemática foi o meio usado, porque antes de se ir a campo, foi feito planejamento com uma estrutura voltada para o que se desejava alcançar. Não participante, com a finalidade de não influenciar no resultado; na vida real, com aplicação de entrevista para justificar o quanto foi importante à pesquisa, as perguntas foram feitas através de um questionário contendo 6

perguntas principais a respeito do uso de expressões coloquiais no cotidiano dos discentes, em seguida foi realizada uma entrevista por meio de uma conversação executada face a face, de maneira ordenada, que proporcionou verbalmente a informação necessária.

A amostragem probabilística sistemática do universo de pesquisa foram estudantes do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) de uma escola do município de Maués-AM, com idades de 11 a 15 anos, sendo 8 do gênero masculino e 8 do gênero feminino, nascidos e criados dentro da área urbana da cidade supracitada. Portanto, esses foram os caminhos para realização do referido trabalho, os quais foram seguidos à risca para que não ocorressem erros no resultado da análise dos dados.

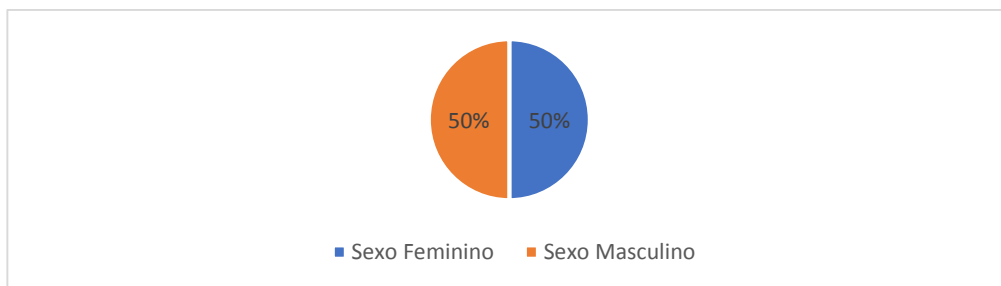
#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O conceito sociolinguístico tem ganhado espaço como variação linguística, compreendendo a língua portuguesa como viva e em constante transformação. A partir de observações em conversações do cotidiano surgiu a curiosidade de analisar as expressões de uso comum, que são ditas de modo natural; entre algumas expressões, o “que só” chamou atenção por sua maior incidência na conversação dos mauenses, sendo qualificado hipoteticamente para intensificar uma determinada fala. Segundo Veloso (2014, p.5) o estilo aqui é visto como uma prática, um ato de linguagem capaz de representar aquilo que somos, aquilo que queremos ser.

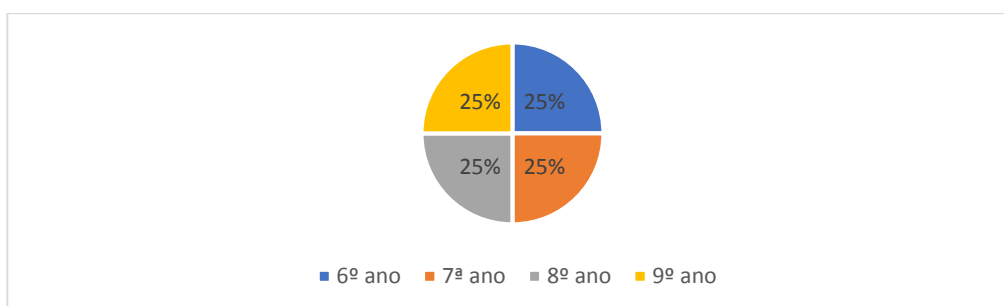
Assim, buscou-se através de um público específico a constatação ou não do fenômeno supracitado, foram selecionados discentes de uma escola do município de Maués-AM, onde são ministradas aulas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental, com um número limitado de 16 alunos, sendo dois casais de cada ano/série. Com isso, se fez visitas à escola para verificação do ambiente e criar uma maior intimidade tanto com os estudantes como com os profissionais que atuam nesta instituição de ensino; tudo planejado com o intuito de se obter bons resultados. A seguir serão apresentados gráficos que demonstram a percentagem de alunos que participaram da pesquisa respondendo o questionário e entrevista individuais, a partir das respostas dos discentes, foi realizada a análise sociolinguística que possibilitou os resultados da pesquisa.

Nas figuras dos gráficos 1 e 2 pode-se observar de forma mais específica o percentual de alunos que participaram da pesquisa, servindo de base para realização da análise.

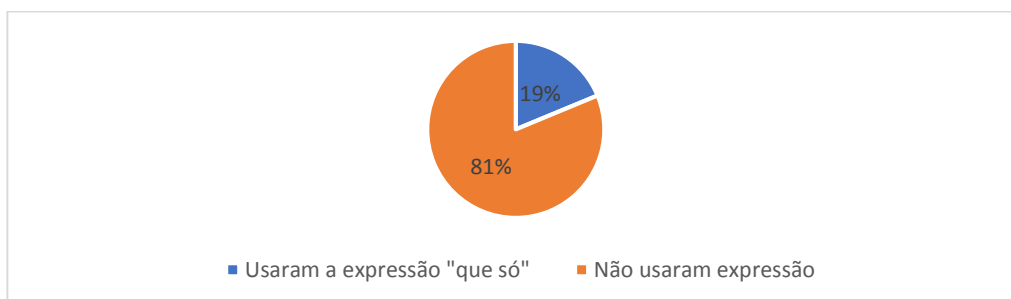
**Fig. 1 - Gráfico de percentagem do sexo dos alunos participantes**



**Fig. 2 - Gráfico com percentagem do número de aluno que participaram na pesquisa por Série/ano**



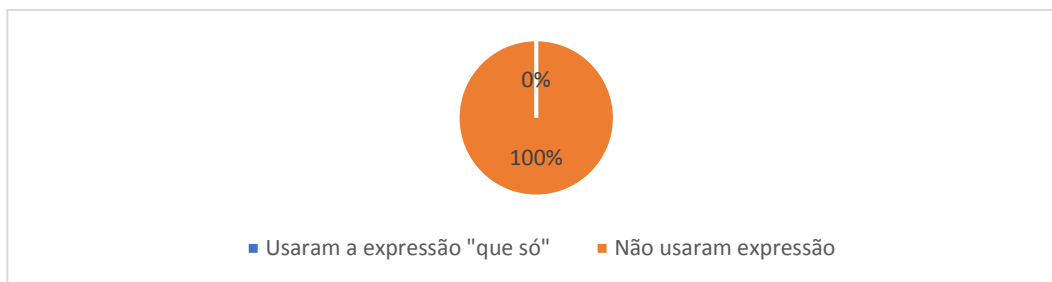
**Fig. 3 - Gráfico com percentagem total de alunos que fizeram uso da expressão “que só”**



No gráfico 3 é demonstrado a quantidade de alunos que utilizaram a expressão em destaque, ou seja, dos dezesseis alunos que participaram da pesquisa, apenas três deles fizeram o uso da expressão “que só”, assim gerando artefatos para análise do uso da expressão no ambiente estudado.

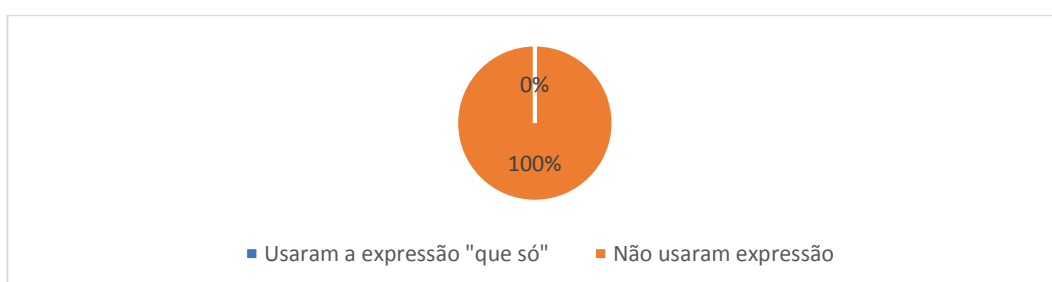
A partir da figura 4 pode ser observado de modo claro e objetivo a percentagem de alunos que falaram a expressão “que só”, em cada ano/série.

**Fig. 4 - Gráfico com percentagem de alunos do 6º ano que fizeram uso da expressão “que só”**



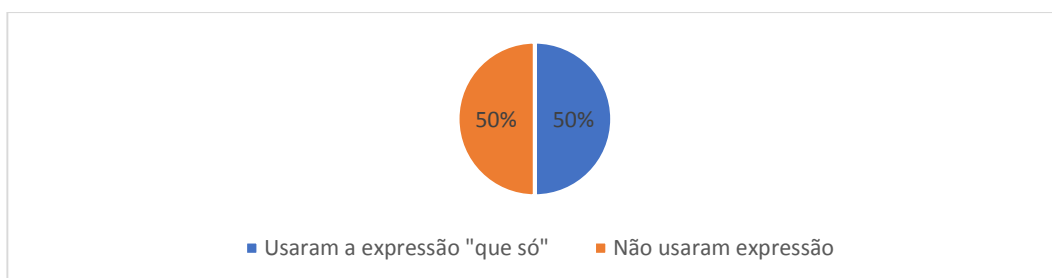
Dos alunos do 6º ano, constatou-se que dos quatros participantes, nenhum fez uso da expressão estudada.

**Fig. 5 - Gráfico com porcentagem de alunos do 7º ano que fizeram uso da expressão “que só”**



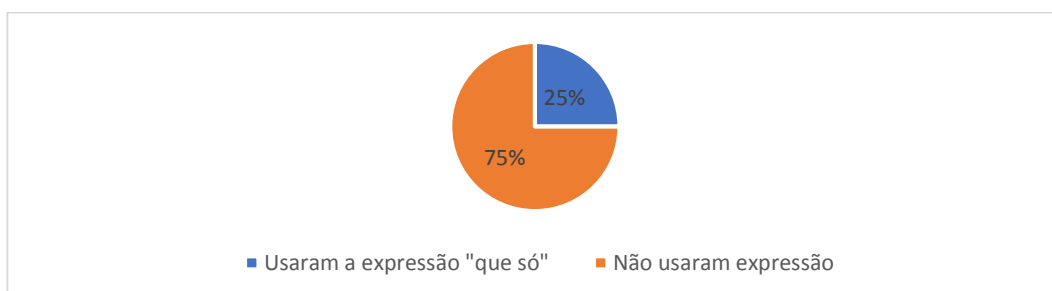
Da mesma forma que os alunos do 6º ano, do total de quatro alunos participantes do 7º ano, nenhum fez uso da variante em suas falas ou escrita.

**Fig. 6 - Gráfico com porcentagem de alunos do 8º ano que fizeram uso da expressão “que só”**



Nos alunos do 8º do ano, dos quatro participantes dois fizeram uso da expressão durante a aplicação do questionário, fornecendo objetos para serem analisados qualitativamente, constando que a expressão faz sim parte do cotidiano dos discentes.

**Fig. 7 - Gráfico com porcentagem de alunos do 9º ano que fizeram uso da expressão “que só”**



E entre os quatro alunos do 9º ano, apenas um fez uso da variante “que só”, porém a expressão foi introduzida em diferentes contextos, possibilitando a análise da variante com diferentes significados que serão apresentados posteriormente.

#### 4.1 A LINGUAGEM COLOQUIAL NO ÂMBITO ESCOLAR, EM ESPECÍFICO O “QUE SÓ”.

A utilização da linguagem coloquial no âmbito escolar foi um dos questionamentos levantado para realização do referido trabalho, no qual através da observação direta intensiva constatou-se que os estudantes fazem uso do coloquialismo de uma forma descontraída, quando não percebem que estão sendo observados e analisados. Porém, o comportamento muda quando os mesmos são entrevistados de modo direto, eles procuram ter todo cuidado para usar somente a linguagem formal, principalmente porque foram selecionados e orientados pelo professor que rege a turma.

Dos alunos de 6º ano, com 11 anos de idade cada, foram simplistas em suas respostas, mas em nenhum momento pronunciaram a expressão “que só”, ou mesmo outra semelhante (Fig. 4). Mesmo porque devido à pouca idade são rápidos em suas respostas.

Os educandos do 7º ano, tanto os meninos como as meninas com idade de 12 anos, foram diretos e formais em suas respostas e nenhum momento utilizaram a variante “que só” (Fig. 5). A esses alunos também são impostos o mesmo resultado dos anteriores.

Os estudantes de 8º ano, de ambos os sexos com idade de 14 anos apesar de usarem muito o termo “tipo assim” como forma de explicação, foram claros e objetivos em suas respostas durante a entrevista e não usaram a variante “que só”, porém na aplicação do questionário as duas meninas fizeram uso da expressão “que só” em suas respostas (Fig. 6). A primeira menina usou a seguinte frase “O Victor falou que tá chovendo que só” como resposta para pergunta: Quais expressões informais usadas pelos seus amigos te chamam mais atenção? Na frase a variante tem significado que expressa intensidade, afirmando que está ocorrendo uma chuva forte. Já a segunda menina utilizou-se das seguintes frases, “Minha mãe sempre fala, tá quente que só”, “Tô” cansada que só” como resposta para pergunta: Quais expressões informais você mais ouve em casa? Onde em ambas as frases a variante “que só” expressa uma ideia de intensidade.

Por fim, com os discentes do 9º ano, com idades de 14 a 15 anos, ocorreu diferenças na forma de expressão dos mesmos; as alunas foram específicas em suas respostas, procurando

usar as regras da norma culta da língua; um rapaz foi mais descontraído, fez uso do vocabulário coloquial, como: “convidar pra dar um rolê pela cidade”, “tome juízo pô”, “se liga quem é teus amigos de verdade”, “presta atenção nas tuas fala mano”, “fala rolos de besteira”. Ele também expressou o “que só” de maneiras diferentes, primeiro com o sentido de intensificar a frase, “uma pessoa arrogante que só”, em outra frase usou com a definição de único, de exclusivo ou pessoal, “uma pessoa que só quer ser”. O segundo aluno foi direto e claro em suas respostas e não fez uso da expressão (Fig. 7). Então, constatou-se que dentro de um mesmo ambiente podem ocorrer diferentes formas de expressão, no qual o coloquial e o formal entrelaçam-se no ato comunicativo.

O coloquialismo, em particular a expressão “que só”, não tem influência negativa no desenvolvimento cognitivo e intelectual dos discentes, mesmo sendo comum ouvir de forma natural as referidas expressões na cidade de Maués-AM, “tá bonita que só”; “tu era valente que só”; “eu te liguei que só”; “estou suando que só”; “vocês estão falando que só”, “ela chorou que só”, “estou com sono que só”, etc. Os estudantes tem consciência de que precisam usar as regras gramaticais normativas para terem êxito, pois sabem que isso sempre será cobrado, principalmente nos concursos e vestibulares, assim sendo os mesmos conseguem diferenciar o que é coloquial e o que é formal da língua portuguesa.

#### 4.3 A EXPRESSÃO “QUE SÓ” NO CONTEXTO DA CIDADE, É ESPECÍFICO DO LUGAR?

Em Maués-AM a referida expressão faz parte do contexto linguístico da população, sendo comum o uso para intensificar algo, quando se quer dizer “estou muito cansado”, fala-se “estou cansado que só”; estou muito triste, “estou triste que só” ... e isso acontece naturalmente que o falante não percebe que fez uso de uma variante da língua ou mesmo que isso pode ser considerado erro pela gramática normativa. E esse jeito próprio que identifica a fala de um determinado grupo, é caracterizado comunidades de práticas.

É possível enumerar três critérios que caracterizam as comunidades de práticas: o domínio de interesse compartilhado, que distingue os membros da comunidade das outras pessoas, a comunidade que se envolve e desenvolve atividades conjuntas, ajudando-se mutuamente e compartilhando informações e aprendizados e a prática desenvolvida e compartilhada, geradora de experiências, histórias e ferramentas que demandam tempo e interação para se constituírem. (VELOSO, 2014, p.8)

Entretanto, o “que só” não é exclusivo do município de Maués- AM, pois os nordestinos também o expressam de modo natural, a expressão pode ser encontrada no dicionário de termos nordestinos de Albuquerque (2010), onde verifica-se a expressão “que só a peste”, que significa



muito ou grande quantidade, como por exemplo na frase “Tem gente que só a peste”, que expressa que um lugar tem um grande número de pessoas, essa expressão pode ser reduzida para “Tem gente que só”, onde possui o mesmo significado, porém sofreu pequenas modificações, assim sendo falada comumente no município onde estudo foi realizado . Mas, para isso há uma explicação, a cidade é constituída de pessoas vindas de outras regiões, inclusive do nordeste, por isso essa expressão fixou-se no cotidiano da população local, e na atualidade outro meio de divulgação do objeto de estudo é a televisão, estar tornando-se comum ouvir os artistas falarem nas telenovelas o “que só”, mesmo porque muitos artistas nordestinos fazem sucesso atuando em novelas de grandes destaques nacionais.

Conseqüentemente, esse jeito de falar está ganhando uma repercussão grandiosa, levando a acreditar que com decorrer do tempo ela poderá fazer parte da gramática normativa, os alunos poderão falar e escrever sem a preocupação de serem corrigidos. Mas para isso é preciso se levantar novos questionamentos e fazer um estudo mais profundo da expressão em destaque.

## 5 CONCLUSÃO

Portanto, no presente trabalho realizou-se uma análise do uso da expressão “que só” na fala de estudantes do ensino fundamental II em uma escola do município de Maués-Am. E diante de observações e entrevistas verificou-se que apesar de poucos terem feito uso da expressão em destaque, a mesma faz parte do contexto linguístico dos discentes, pois em algum momento alguém do ciclo social já pronunciou o “que só” de forma espontânea, por exemplo, invés de dizer: “ela é muito inteligente”, diz: “ela é inteligente que só”, então como se pode observar, a referida expressão é usada para intensificar o que o falante está sentindo ou referindo-se a outra coisa .

Por isso a pesquisa é relevante, considerando que as variações linguísticas fazem parte da realidade da população da cidade de Maués- Amazonas, onde a expressão “que só” é falada de modo espontâneo. Mas, apesar do avanço da sociolinguística dentro do ensino da língua portuguesa, os alunos ainda precisam ter o cuidado para não utilizarem esta variante em uma situação formal, pois é considerada incorreta dentro da gramática normativa.

## 6 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gilberto. **Dicionário de Termos Nordestinos**. Maceió, AL. NOÁ Editora 2010.
- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. 2014.

- AZEREDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. Parábola, 2014.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2009.
- BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo, 2003.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CHOMSKY, Noam; LIGHTFOOT, David W. **Estruturas sintáticas**. Walter de Gruyter, 2015.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. LEXIKON Editora Digital Ltda., 1985.
- GÖRSKI, E. M.; COELHO, Izete Lehmkuhl; MAY, G. H. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília. **Língua e cidadania: no (Fig. 4) as perspectivas para o ensino**. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2004.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos: a língua que falamos**. Editora Contexto, 2006.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. \_\_. **Sociolinguistic patterns**, 1993.
- MATTOS, Rosa Virgínia et al. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. Parábola Editorial, 2004.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- PRETI, Dino. **Os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. São Paulo: EDUSP, 1982.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. Ática, 2007.

VELOSO, Rafaela. **As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASSOCIAÇÃO DE LÍNGUÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL). 2014. p. 345-359.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Empirical foundations for a theory of language change**. 1968. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Liguística**; tradução Marcos Bagno. São Paulo. Parábola, 2006.